

Vida Alentejana

SEMANARIO AGRICOLA // PECUARIO // TURISTICO DE COTACOES

Editor: ANTONIO BELEZA

DIRECTOR

Redacção, Administração e Oficinas:

Propriedade da Empresa em organização: ALENTEJANA-EDITORIA

PEDRO MURALHA

R. DA ROSA, 105—Telef. 2 1623—LISBOA

mercado moderno exige...

FRUTOS SÃOS E PERFEITOS

Torna-se, pois, necessária uma contínua defeza contra as pragas que infestam os Pomares, Hortas e Jardins, com:

Produtos

SOLBAR



VENETAN

USTIN

Pedir preços e folhetos explicativos:

Secção Agrícola

Sociedade de Anilinas, L.^{da}

Travessa das Pedras Negras, 1
LISBOA

“A MOAGEM”

SOCIEDADE MÚTUA

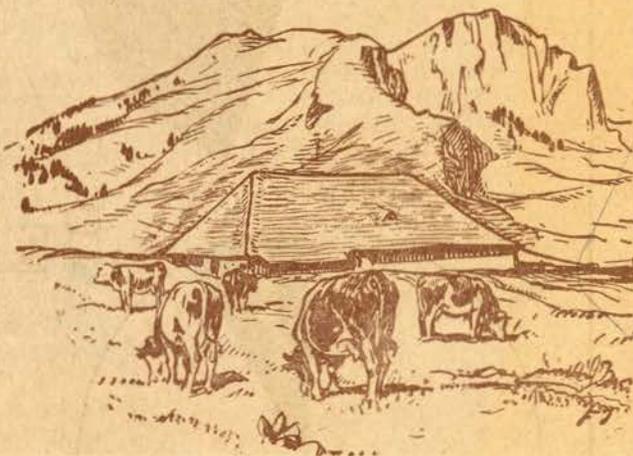
Seguros de acidentes no trabalho

Rua da Boa Vista, 176, 1.º

LISBOA



NESTOGÉNO



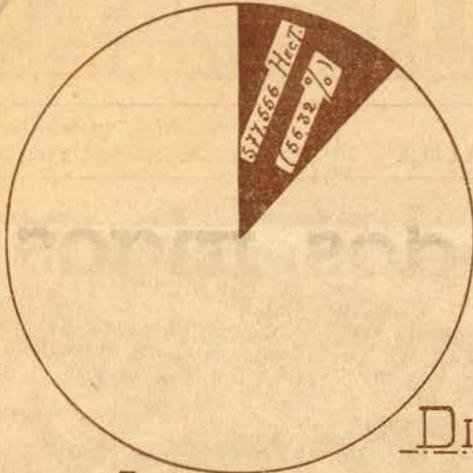
LEITE EM PÓ NESTLÉ

Alimento ideal das crianças

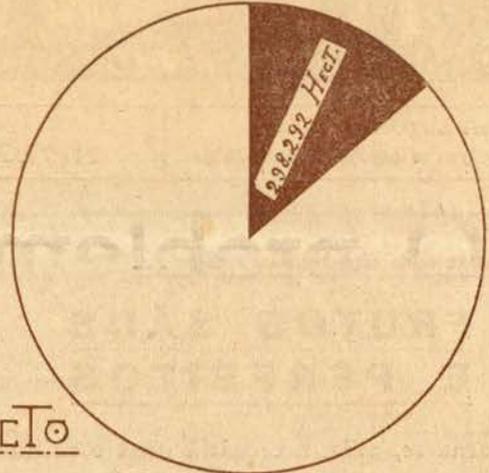


Na falta de leite materno
Na intolerância de leite de vaca e como superalimento

AREA
— CULTIVADA —



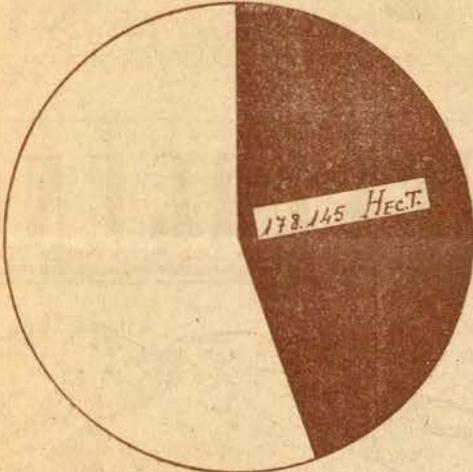
CULTURA DE
— CEREAES —



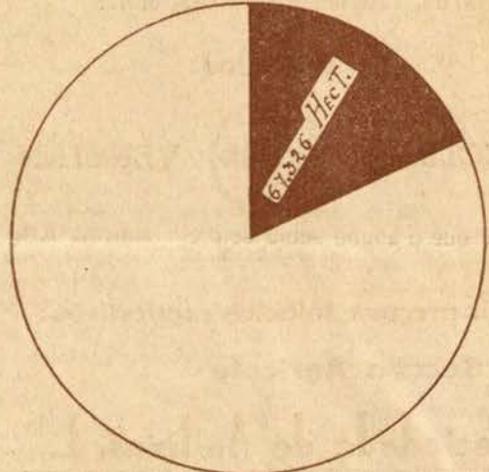
DISTRICTO

— AZINHEIRAS —

— SOBREIROS —



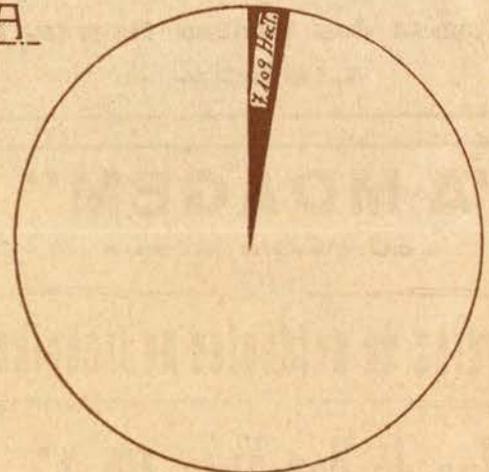
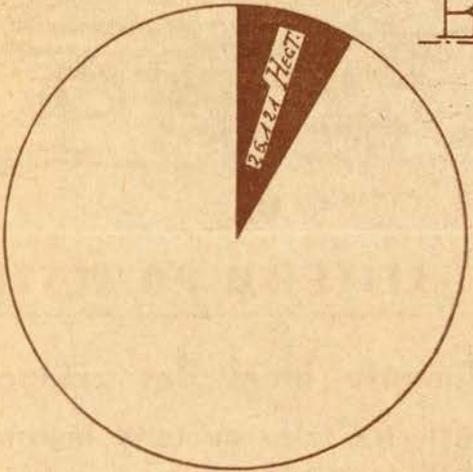
DE



— OLIVEIRAS —

— VINHA —

BEJA



Vida Alentejana

SEMANARIO AGRICOLA // PECUARIO // TURISTICO DE COSTUMES

Editor: ANTONIO BELEZA
Propriedade da Empresa em organização: ALENTEJANA-EDITORIA

DIRECTOR
PEDRO MURALHA

Redacção, Administração e Oficinas:
R. DA ROSA, 105—Telef. 2 1622—LISBOA

O problema dos trigos

Na entrevista que publicamos no nosso número 8, com o sr. Presidente da Agricultura Portuguesa, dr. Joaquim Nunes Mexia, um dos principais elementos da agricultura alentejana, dissemos, pelo critério desse nosso ilustre comprouvenciano, que era necessário que o sr. dr. Leovegildo de Sousa pensasse já na tabela de trigos de 1935, para que o lavrador contasse com as possibilidades presentes e futuras.

A substituição, porém, do titular da pasta da agricultura obstou a que a voz do sr. dr. Mexia fôsse ouvida, e não sabemos o que o seu substituto pensa a tal respeito. O que sabemos é que o adubo subiu de preço, as sementeiras estão-se fazendo e que o nosso lavrador deita ouro à terra sem saber as condições em que o faz, o que lhe poderá trazer graves inconvenientes para a sua vida económica.

Sabemos ainda mais alguma coisa: é que em algumas terras do Alentejo o pão subiu de preço, e noutras piorou de qualidade.

Certamente o sr. Ministro da Agricultura, que nos dizem ser uma pessoa inteligente e criteriosa, não deixará de, com a urgência que o caso requiere, adoptar medidas tendentes a levar ao conhecimento dos

produtores de trigo o preço do cereal da próxima colheita.

E isto porque nem todos os lavradores que produzem trigo são ricos e possam jogar uma cartada em falso; o Alentejo é povoado por uma classe que representa uma grande riqueza da vasta região. É a classe dos seareiros que semeiam de renda e que têm que comprar adubo e pagar mãos de obra, sucedendo muitas vezes terem o producto da colheita já gasto, ainda as searas não indicam o número de sementes que colhem.

A tabela de 1933-1934 foi, de facto, compensadora para a agricultura, e o ano excepcional que tivemos certamente teria desafogado muitos lavradores, com os seus haveres comprometidos devido a anos péssimos, como foi o de 1929 e 1931, sem falar nos outros antecedentes.

Pergunta-se: pode o lavrador contar com a defesa do Estado de forma a garantir-lhe resultados compensadores cultivando trigo, ou ser-lhe-á preferível pensar nas pastagens para exploração do seu gado?

São estes assuntos de uma magna importância que certamente estarão já a ser estudados pelo sr. Ministro da Agricultura e tão ansiosamente esperados por todos os lavradores alentejanos e de todo o país.

Um outro assunto dum certa gravidade desejamos aqui deixar arquivado. É a barafunda do serviço referente aos trigos provinientes das máquinas.

Vejam: A Federação Nacional dos Industriais de Moagem enviou para todos os moageiros uma circular onde, escudada numa deliberação do Ministro da Agricultura, proíbe a venda de farinhas em rama.

Sucede porém, que os moleiros entregaram nas respectivas delegações da Federação dos Productores de Trigo os manifestos das suas máquinas, não tendo esta última entidade recebido tais manifestos por a lei não permitir.

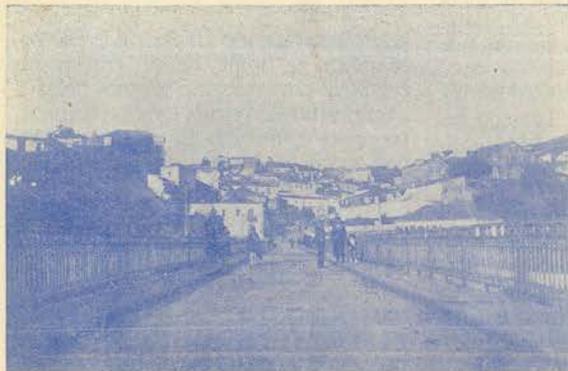
Uma Delegação porém perguntou á Federação o que haviam os moleiros de fazer á farinha producto das máquinas, visto tratar-se de farinha em rama recebendo como resposta que vendessem essa farinha.

E em tais circunstancias não serão esses moleiros multados por venderem farinha que a lei não permite?

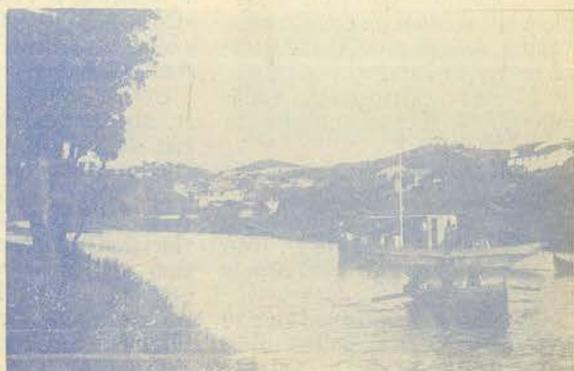
A quem devem os moleiros obedecer? A' Federação dos Productores de Trigo, que está dentro da lei?

A' Federação Nacional dos Industriais de Moagem que também julgam ter a lei por seu lado?

Quem puder que nos responda.



Odemira vista da ponte



Um trecho do rio Mira

O Alentejo retalhado?

A proposito da divisão do País em provincia

Por Luís de Sousa Gomes

Corre para aí com uns certos vizos de veracidade, que é desta que se prepara e já está na forja uma nova divisão Administrativa de Portugal.

Diz-se, que Portalegre como outras cidades capitais de districto são deveras sacrificadas.

Não venho por acanhado *chauvinismo* — passe o francesismo — fazer apenas a defesa, que julgo necessária, da terra que me foi berço, mas sim venho a terreiro por ela e por outras, tais como: — Viana do Castelo, Aveiro, Leiria, Setubal, e quantas mais, que mau grado nosso vão ser sacrificadas ao ignáro tradicionalismo (sic) que para aí anda actualmente em moda.

As mais lindas cidades de Portugal, vão ser sacrificadas á peregrina ideia da divizão do País em provincias.

A meu vêr, nada mais destituido de valor prático, razão nacionalista, e vantagem progressiva, económica e administrativa.

Com esta divisão não concordo, como muitos outros e isto: — por que não é racional, nem tão pouco adaptavel. E se tanto não fôra bastante, dá-se ainda e, acima de tudo, o ser um perfeito antagonismo da tradição histórica, com que permanentemente nos andam soprando aos ouvidos.

Tradição histórica! Onde é que esses senhores juristas administrativos de meia tijela, a foram descobrir?

Onde é que esses noveis engenheiros geógrafos, a fundamentam?

Onde é que os economistas e os de ciências financeiras, descortinaram, estudaram as causas e motivos que tal autorisam?

Onde é finalmente que, essa nova praga de meninos que para aí perora, leram, encontraram e fundamentam que a divizão provincial é tradicional no nosso País?

Não existe no nosso direito administrativo?! Tal se não encontra na nossa história?!

E se não vejamos: — a provincia só foi criada em Portugal em fins do século XVI e isto mesmo, correspondendo em parte ao que até D. João III, se disignou por *Correições* depois *Comarcas*.

O documento mais antigo que se conhece sobre este assunto, é o *codicillo do testamento de D. Diniz* em que este monarca pede à rainha que

peça «aos concelhos de entre o Tejo e Odiana; e aos de Serpa e Moura, um homem bom...»

Vê-se pois que neste tempo a divizão era o concelho; e que o territorio que geralmente se tem designado como provincia, constituia apenas a região.

Pedro Ribeiro nas *Reflexões históricas* afirma que, a unica organização que se aproxima da Divisão provincial, foi a das *Correições* e, demonstra-o cabalmente.

Em Afonso III o reino, compreendendo o Algarve, estava dividido em seis correições.



Luiz de Sousa Gomes

Pelas Côrtes de Coímbra de 1423, o Meirinho-Mór de entre Douro e Minho, era também de Tráz-os-Montes; o Regedor de Justiça de entre o Tejo e Odiana, era também do Algarve; no de D. João I, a correição de entre o Douro e Tejo se estendia a Ribacôa, e Pero Tristão se dizia «Corregedor de entre Tejo e Odiana e além do Odiana e nos lugares por el-rei divisados».

Um corregedor de Traz-os-Montes se diz também de Riba Tâmega no ano de 1435 e outro em 1444, intitula-se corregedor de Traz-os-Montes, e entre Douro e Tâmega, etc.

Na documentação histórica, as provincias (?) encontram-se expressas com variedade; por exemplo, corregedores de entre Douro e Minho, de Aquem Montes; entre Douro e Tejo; Beira; Extremadura; Traz-os-Montes; Tejo e Odiana; e Algarve.

Para se poder fazer uma melhor

idéia da divisão das comarcas ou correições, que hoje erradamente muita gente designa por provincias, remeto o leitor curioso para Rebelo da Silva, na «Memória sob a população e agricultura em Portugal», não falando já das «Ordenações Afonsinas» e da «Geografia Histórica» o rol dos Bes-teiros.

Gama Barros na sua «História da administração pública em Portugal», trata o assunto com mão de mestre que foi.

A verdade da não existência de provincias, também se vê em D. António Caetano de Sousa — Provas da História Genealógica, em que divide o país em comarcas e jamais em provincias.

Sómente nas corografias do começo do século XVII aparecem os termos de região ou provincia, designando o território que se convencionou assim chamar, variando confudo muito os limites assignalados a cada uma.

Esta divergência é deveras notável principalmente no que respeita à parte central do país, e erram quando afirmam ser uma divisão tradicional e natural e ainda mais quando tomam como razão e causa a Espanha, cuja organização, dizem, devíamos ter seguido.

Érro crasso.

Fernando V, o rei católico, cingia a corôa de Aragão e casando com Isabel de Castela, veio por morte do curhudo a reunir as duas corôas, usurpando o reino de Navarra e conquistando o de Granada.

Tornou-se pois no primeiro quartel do século XVI, rei das Espanhas, faltando-lhe para ser rei de tódã a Península Ibérica a parte de Portugal, que veio a realizar-se em 1580, já no reinado de Felipe II.

E' então que os antigos estados que passaram a constituir a Espanha, tomaram o nome de provincias ou regiões, conservando alguns deles a designação de reinos e os seus foros, isenções e imunidades. Estas provincias eram 13, e são actualmente pela sub divisão das maiores 49.

Ora em Portugal não se dava nem deus este caso. A população tinha-se unificado, nas leis, na língua, na religião, etc.

Mas ésta já vai longa e para a semana continuaremos, se o director do jornal achar interessante o assunto e permitir a sua continuação.

Diana de Liz A farinha em rama

O que disse João de Barros sobre a poetisa alentejana

Diana de Liz era uma flor, uma alma soberana. Soberana porquê? Porque desdenhava, porque desprezava, porque se julgava superior às outras? Não. A soberania, em arte, tem sentido diverso daquele que é usual na vida de todas as horas. Essencialmente, é uma virtude dinâmica, não uma qualidade extática. Afirma-se pela sêde de perfeição, pela sofrega, permanente e insaciável sêde de



Diana de Liz

beleza. É uma subida constante, uma energia que não cessa de mirar e ambicionar a altura. Causa e motivo de tormentos, de torturas tenebrantes, nela se funda e alicerça a dignidade dos verdadeiros artistas. A dignidade, a grandeza e a honra — que só noutra alicerce de igual, de gémea importância se apoiam também: — na sinceridade, na limpida, viçosa e absoluta sinceridade. Fácil é erguer e apresentar construções mentirosamente sumptuosas, pitorescas, deleitosas, mesmo, usando, da impostura, e do conformismo submisso à moda do momento. O êxito acolhe sem embargos essa lantejolada e fragil parada de mentiras! Mas a glória perdurável — pequena ou grande, refulgente ou discreta, glória verdadeira em todo o caso — só a alcançam as obras amassadas com nervos e sangue, desespero e fé, sacrifício e entusiasmo. Com amor e dor, sentenciava Junqueiro. Nessa categoria limitada e excelsa, estão os dois livros postumos de Diana de Liz, sacrosantos, e não tumulos, do seu talento arrebatador...

Uma importante reunião em Beja onde se tomaram resoluções tendentes á defesa da pequena moagem

Realizou-se no dia 8 do corrente, pelas 15 horas na Associação Comercial de Beja a reunião magna da moagem de farinhas em rama, onde se achavam representados os pequenos moageiros de todo o Alentejo, Algarve, Estremadura, Norte e assistência do Sr. Governador Civil dêste distrito e o representante do Sr. Ministro da Agricultura, Sr. Capitão Rodrigo Pimenta Raposo.

Abriu a sessão o Governador Civil, Sr. Capitão de Engenharia Preto Chagas, dizendo que lhe interessavam todos os assuntos de interesse do distrito e que a sua presença permitia o conhecimento directo das questões, e, assim, mais facilmente defendê-las e protegê-las perante as entidades superiores.

Seguidamente deu a presidência ao Sr. Delegado do Sr. Ministro da Agricultura, o qual convidou para fazerem parte da mesa os senhores Governador Civil, Dr. Nuno de Lacerda, César de Carvalho Miranda e José Augusto dos Remédios.

Fala em primeiro lugar o Sr. Dr. Nuno de Lacerda dizendo que o seu ponto de vista era procurar estabelecer uma vida segura para a moagem de rama, dentro da lei e bem definida.

Como na assembleia se encontravam presentes interessados que não tinham assistido às reuniões anteriores, o orador deu conta dos trabalhos já efectuados, passando a lêr a representação que, em tempo devido, foi entregue ao Sr. Ministro da Agricultura sessante.

Continuando, o Sr. Dr. Nuno de Lacerda, lembra a conveniência que há para ser entregue essa representação ao actual Sr. Ministro da Agricultura, mas que essa representação terá de ser alterada em certos pontos. Passou depois S. Ex.^a a lêr as alterações que lhe tinham sido sugeridas, terminando por propôr que a nova representação fôsse entregue por delegados de todos os distritos do paiz da moagem de farinhas em rama, os quais se deveriam fazer acompanhar pelos governadores civis respectivos.

Aprovadas as alterações e a proposta referida, pediu a palavra o Sr. Dr. António Tomaz de Melo Rego de Carvalho Serra, advogado em Lisboa, e fabricante de farinha em rama no Seixal, para dizer que tendo tratado recentemente dum caso de apreensão de farinhas em rama que foi resolvido com felicidade, lhe sugeriu a ideia da defesa da moagem de rama, de que êle faz parte, dedicando-se ao seu estudo. Entende que a pequena moagem se deveria federar, visto que no paiz existem cerca de 9 000 fabricantes de farinhas em rama, incluindo moinhos e azenhas e uma produção de cerca de 200 milhões de quilos de trigo, numerosos bem demonstrativos da importância e interesse que merece a questão. Terminando por dizer que a classe se deveria, organizar federativamente para melhor defesa dos seus interesses.

Novamente o Sr. Dr. Nuno de Lacerda pede a palavra para manifestar a sua discordância na forma apresentada para a organização da classe, dizendo que embora essa solução devesse ser ponderada para de futuro, de momento, deve-se seguir o que já está estabelecido. A moagem de farinhas em rama do distrito de Beja apta pela organização do seu Grémio, afirma o Sr. Dr. Nuno de Lacerda, concordando que todos os outros distritos devam proceder de igual forma, no que foi secundado por tôda a assembleia.

Em face da replica do Sr. Dr. Nuno de Lacerda, o Sr. Dr. Carvalho Serra propôs que fosse nomeada uma Comissão para estudar

e resolver sobre a organização da classe, comissão que ficou composta pelo proponente, e Srs. Dr. Nuno de Lacerda, José Clemente Maltez e Eduardo Pinto Junior.

Falou seguidamente o Sr. Herminio dos Prazeres que apreciou as alterações á representação, discordando de algumas e sugerindo outras que não foram aprovadas.

Antes de encerrarem os trabalhos, a assembleia aprovou uma saudação ao Sr. Ministro da Agricultura, tendo o Sr. Capitão Pimenta Raposo, sido solicitado para ser o interprete desta saudação junto de S. Ex.^a o Ministro.

Fechou a sessão o senhor delegado do Sr. Ministro da Agricultura que elogiou a forma como os trabalhos decorreram e prometeu interessar-se junto de S. Ex.^a o Sr. Ministro da Agricultura pela defesa da classe de fabricantes de farinhas em rama.

Da reunião fizeram parte sessante representantes de igual número de fabricas interessadas na questão.

VIEIRA NEVES

João Alberto Tavares

Na passada semana faleceu na herdade das Naves, freguesia do Assumar, o velho lavrador João Alberto Tavares, pai extremoso do nosso bom amigo Manuel Romão Tavares, lavrador do Barquete.

O finado contava 90 anos e sete



João Alberto Tavares

meses, e desde 1873 que era lavrador, começando a sua vida de rendeiro, tendo sempre tido uma vida exemplar.

Ao Sr. Manuel Romão Tavares, assim como a tôda a sua família envia a «Vida Alentejana» sentidos pezaumes.

Olivença é Alentejana

Por "João Coelho"



Rua de Entre-Torres vendo-se no cimo restos da primitiva muralha Diniziana.

O nosso colega a «Revista Transtagana», que superiormente publica João Vicente de Oliveira Charrua, em Evora, aventou há dias a ideia da realização da «Semana de Olivença»: porque é um dever de patriotismo, damos a nossa inteira adesão com os aplausos merecidos, porque se trata de um assunto sempre palpitante e do Alentejo.

O nosso jornal que é acentuadamente português, é dentro deste verbo, a expressão dum baírrismo provincial que se define galhardamente em puro alentejanismo, não só pelo amor à nossa terra, como pelo estímulo que hoje todas as províncias mantem no trabalho e elevação, dentro dos princípios, da Pátria, e do nome de Portugal.

Não quiere «A Vida Alentejana» deixar de arquivar nas suas páginas o glorioso nome de Olivença e, porque constitui um dever, aqui marcamos como sempre a nossa posição, na divisa forte e altiva que une todos os alentejanos — *Pela Patria... Pelo Alentejo!*...

Olivença, a gloriosa, aquela praça de velhas tradições que os portugueses sempre mantiveram dentro da sua corografias foi como tôdas as vilas do Alentejo — raianas, bem entendido — joguete dos homens nas suas ambições; foram

assim principalmente, Campo Maior, Elvas, Mourão e Olivença, que segundo carta datada do Rio de Janeiro, de 27 de Outubro de 1815, actue assine e aceite como representante do seu rei; Cas- onde os inimigos batiam, ou elas próprias, tomavam o partido dosela não cumpre, e os governos que sucedem, reclamam em vão, seus defensores — excepção feita a Elvas.

Olivença, que manteve aquele célebre dialogo com Mourão, que Em 1835, a voz de bronze do patriótico Duque de Palmela, se em breve deve ser publicado no «Arquivo Transtagano», do venede faz ouvir no Parlamento e, em todos os lugares officiais que derando Torres de Carvalho, se vê e verifica que Olivença, apesar de desempenha, ficando da sua batalha portuguesa, a sua grande figura tudo, bizarramente mantinha a divisa, portuguesa, e se alguma relevo da sua alma de patricio.

Em 14 de Agosto, de 1805, o Secretário da Camara Municipal de Olivença, Vicente Vieira Valerio, faz a ultima acta em lingua portuguesa, convidado a comparecer à sessão de 17, é informado que as futuras actas passam a ser feitas em castelhano, recusa, e num gesto que muito honra a sua memória, pede a sua demissão, velho, abandona o lugar, preferindo todas as torturas, a escrever actas que não seja na própria lingua. O seu nome humilde não figura nas páginas da história, mas vive latente no peito dos oliventinos, cuja acção, serve de exemplo a mostrar a tempera de aço bem lusiadas, como ontem ainda eramos.

Vieram as guerras, as sortidas, e as praças que mais fortemente se bateram por Portugal foi com justiça Campo Maior, Olivença, e a velhinha esquecida vila de Juromenha. A vaidade de alguns homens que se enfeitavam com honrarias e galões de comando, deixaram ao abandono Olivença, assim, foi que se cumpriu o Tratado de Badajoz, em 1801, e a convenção em 1804.

Em 1802, o Tratado de Amiens, de 25 de Março, celebrado entre a Inglaterra e a França, a Praça de Olivença, não é considerada como uma conquista, mas sim uma conveniencia de rectificação de fronteiras. Em 1807, um Godoy, mancumonado com o imperador, resolvem retalhar a seu belo prazer Portugal em três partes, duas das quais, Alentejo e Algarve, seriam cedidas ao vaidoso Principe da Paz.

D. João VI, fugido para o Rio de Janeiro, publica entre muitos, um manifesto, em que declara nulo e de nenhum efeito os tratados que a França o compelira a concluir, particularmente os de Badajoz, 1801 e o de Madrid, de 1804. Em 1809 e 1810, dão-se as segundas e terceiras invasões, em 1811, Olivença é ocupada pelas forças dos exercitos, anglo-luso, ficando guarnecidas por artilharia e infantaria portuguesa. Este facto não impediu que Wellington, a entregasse sem a menor atenção á Castela. (1)

Em 1814, aos 30 de Maio, no tratado da paz, celebrado em Paris, são considerados nulos e de nenhum efeito os tratados de Badajoz, em 5 de Junho de 1815; no Congresso de Viana, as potencias reunidas, reconhecem pelo artigo 105 «o direito de Portugal à praça de Olivença e seu termo», para o que foi nomeado ministro plenipotenciario extraordinario, D. José Luiz de Sousa para que em nome de D. João VI, com todos os poderes necessarios



Porta manuelina dos Duques de Cadaval

Nesta hora feliz em que renasce o espirito nacionalista, na tradição generosa que sempre mantivemos, sôa alegremente para todos um accordo unanime de que nos entreguem Olivença, aquelles que voluntariamente e por justiça a tanto se obrigaram a fazê-lo Portugal-Alentejo, tu primeiro que todos tens de ser o seu embaixador, porque as outras províncias, não sentem menos do que tu a sua falta, e logo que tu brades, eles hão-de vir serena e



A clássica Rua da Pedra, tendo ao fundo o Castelo, obra de D. Diniz

ordenadamente a quem de direito, pedir com a sua fé a justiça da sua causa.

O movimento nacional de solicitar, é sempre oportuno, e aos nossos filhos, earecemos — emquanto a justiça não fôr completa — de lembrar que Olivença é portuguesa, que os oliventinos aqui, estão na sua própria casa, e nós, devemos ter sempre presente que ao eles terem emigrado quando da ocupação, preferiram a ruina deixando as terras, vindo até nós, como quem procura um agasalho familiar.

Do norte ao sul do país, ja se fala na velha Praça de Olivença, recordando-a nas suas ruas; Mourão a branca, e o imponderável Marvão, já consagraram essa figura de lutador, serena e viva que é o nosso comprovinciano Ventura Abrantes; uma, declarando-o seu filho adoptivo pelo seu amor ao Alentejo; outra; proclamando-o «municipe marvanense», pelas suas raras virtudes de lusiada: Castelo de Vide, tem o nome de Olivença numa das suas artérias, bem como Porto e Barcelos e, assente em principio a ridente Ponte de Lima.

A «Vida Alentejana» que viu e sente a fé oliventina, não quer deixar de mostrar aos seus irmãos e a todos os portugueses, estas páldas, notas da sua história, clamando alto — *Olivença é também Alentejo!*...

O Pintor Dordio Gomes vai expor

Simão Dordio Gomes, o pintor alentejano que melhor compreendeu ainda a expressividade da vida característica da sua província e que a crítica portuguesa já consagrou como artista insigne; que dirige há um ano a cadeira de pintura da Escola de Belas Artes do Porto, está preparando-se para concorrer à grande exposição dos artistas portugueses que o Comissariado da Propaganda Nacional anuncia para breve, e, conta, na primavera do ano que vem, realizar uma exposição pessoal no Porto.

Serão, sem dúvida, novos triunfos que o ilustre alentejano vai receber, como justo prémio do seu trabalho em prol do desenvolvimento da Arte em Portugal. Mais uma afirmação da sua classe.

Permita-nos o artista, amigo muito querido, um comentário: É um alentejano; o Alentejo guarda com havareza, no seio da sua terra natal, uma



Simão Dordio Gomes

das mais encantadoras vilas trans-tágana, Arraiolos, os melhores trabalhos da sua obra imorredora, mas ainda não viu realizado numa das suas principais cidades, em Évora, que para tal ofereceria um ambiente artístico sem igual, uma grande exposição dos seus quadros. E que entusiasmo, que alvoroço com que a nossa grande província receberia a realização desta ideia!... Seria a consagração íntima de um artista que muito a orgulha.

C. L.

Vida Alentejana

Preço da assinatura

Série de 5 números..... 5\$00
» 10 » 10\$00

Número avulso 2\$00

Grémio Alentejano

Nota de Caixa referente ao mês de Outubro de 1934

Receita

	<i>Saído de Setembro</i>	25.799\$29
a	Associados — Cobrança de cotas	12.458\$90
a	Festas — Sua receita	629\$25
a	Jogos — Idem	3.530\$40
a	Conta de Exploração — Receita líquida do Restaurante	168\$30
a	Secção de Beneficência — Recebido de convidados	140\$00
a	Empréstimo para Instalação no Palácio de S. Luiz — Recebido de subscritores	2.500\$00
a	Despesas Gerais — Recebido por uma indemnização	10\$00
		<hr/> 45.236\$14

Despesa

de	Jogos — Compra de cartas	457\$25
de	Festas — Orquestra, licenças, etc.	544\$80
de	Móveis e Utensílios — Pelos adquiridos	232\$10
de	Secção de Beneficência — Donativos	23\$80
de	Porto Covo & C.ª C/Depósito — N/depósitos	6.500\$00
de	Despesas Gerais — Pelas efectuadas	11.937\$20
	<i>Saldo para Novembro</i>	25.540\$99
		<hr/> 45.239\$14

NOTA — Alem do saldo de Caixa, existe em depósito no Banco Porto Covo a quantia de Escudos 25.600\$26.

Assembleia Geral

No dia 22, pelas 21,30 horas reunida, extraordinariamente, a Assembleia Geral a-fim-de se ocupar de um assunto de ordem administrativa, interna.

Tomaz Alcaide

Foi condecorado com os graus de oficial de Ordem Militar de Cristo e oficial de Ordem Militar de Santiago da Espada, este nosso comprovinciano, tenor lírico, que pelo seu valor artístico tem dignificado o nome português no estrangeiro,

Muito importante

Todas as pessoas que não tem satisfeito os seus recibos temo-las eliminado do número dos nossos assinantes. Só respeitamos para efeito do envio da Revista, aqueles que estavam ausentes. Vamos mandar os recibos novamente a esses, esperando que não deixem de satisfazer as respectivas importâncias se lhes interessar o nosso trabalho e quiserem continuar a recebê-lo.

Beja celeiro do Alentejo

O concelho de Beja, neste ano cerealífero, produziu 46.517.118 litros de trigo, mais 13.682.410 litros do que em 1933; 16 milhões de litros de aveia, 3.500.00 litros de cevada, 4.069.190 litros de fava e 1'641.000 litros de grão.

Pela imprensa

Callipole

Começou essa publicação em Vila Viçosa, este quinzenário.

Desenvolverá, segundo declara, uma longa acção de propaganda e defeza local.

As nossas melhores saudações.

O Eco de Estremôs

Entrou no 26.º ano de publicação este nosso presado colega, de que é director o sr. Adriano da Conceição Mota.

Felicitações e desejos de muitos aniversários.

Vida Alentejana

Por motivos muito contra a nossa vontade *Vida Alentejana* tem saído com uns dias de atraso nos últimos números.

Esperamos poder vencer tôdas as dificuldades para que o nosso semanário saia sempre no dia indicado.

Casas recomendadas pela Vida Alentejana

Adubos

da Sociedade de Anilinas L.da
T. das Pedras Negras, 1 — Lisboa.

Sapcc — R. dos Fanqueiros, 121 — Lisboa.

Sociedade Adubos Reis L.da
R. da Betesga, 41, 1.º — Lisboa.

Crivos

Casa Catella
R. de S. Paulo, 109 — Lisboa.

Farinhas alimentares

Nestlé
Nescau
Toddy

Lampadas

Lumiar
Avenida 24 de Julho, 158 — Lisboa.

Seguros

A Moagem
R. da Boa Vista, 176, 1.º — Lisboa.

CURIOSIDADES

A habitação

Todas as casas destinadas a servir de habitação, devem ser construídas em terreno seco, resistente, ao abrigo de poças, a razoável distância dos rios e nunca em pleno bosque.

O rés-do-chão deve ter alguma elevação, não ser directamente assente sobre o solo. Evitar-se-ha, assim, a humidade interna das casas.

A cosinha, a casa de jantar e a sala ficarão instaladas em baixo; ao passo que os quartos deverão ser, de preferência, situados nos andares.

Todas as casas devem ter divisões claras, bem ventiladas por janelas, por onde o sol entre à vontade (o sol é o maior destruidor de microbios). Os quartos devem ter tectos altos e expostos ao sul.

Para que o ar seja salubre é mister que contenha oxigénio na proporção de 21 %.

Pronst demonstrou que o homem absorve, por hora, cerca de 25 litros de oxigénio, fazendo penetrar nos pulmões dez mil litros de ar por dia.

De aqui se compreenderá, o papel importante que tem a arejação na saúde das pessoas que vivem a maior parte do tempo dentro de casa.

Higiene do diabético

Exercícios moderados, passeios, ginástica simples ou suéca, mecanoterapia, massagens e fricções com álcool ou lava de crina, lavagens e ensaboadelas frequentes da pele, para evitar a formação do antrax (muito perigoso), banhos duas vezes por semana, duchas quentes. Evitar o frio.

Fenómenos atmosféricos

É' o ar que produz os arco-íris, as corôas que se observam em volta do sol e da lua, e os halos.

Os arco-íris são devidos á refração e á reflexão dos raios solares, que encontram gotas de água esféricas, quando o sol fulge de um lado e uma nuvem se transforma em chuva do outro lado. Se nos colocarmos entre o sol e a nuvem, de costas voltadas para o primeiro, veremos desenharem-se no céu dois arcos concentricos, um interior, brilhantíssimo; outro exterior, menos fulgido, por vezes quasi apagado, mas ambos coloridos de cambiantes igualmente concentricos que reproduzem as sete côres do espectro solar (violeta, roxo, azul, verde, amarelo, alaranjado e vermelho).

Para tirar nódoas

Nodoa de chamuscado—Quando a roupa (sem o tecido ficar queimado, pois então não tem remédio), se apresentar chamuscada pela intensa passagem do ferro de brunar, tira-se a nodoa de chamuscado deitando sobre a parte chamuscada uma solução a ferver de 600 gramas de vinagre, 125 gramas de sabão, 75 gramas de grêda e suco de três cebolas. Deixa-se ficar o chamuscado embebido na solução durante vinte e quatro horas e lava-se depois.

Nodoas de sangue—Lavam-se com água fria saturada com parafina.

Nodoas de mfo—Mistura-se sabão branco com igual quantidade de amido, mais metade do volume desta mistura de sal e osumo de um limão. Estende-se esta composição pelo avesso da roupa, nas partes atacadas, e deixa-se secar ao ar até que as nodoas desapareçam.

Nodoas de verdura—Tiram-se lavando-as com álcool.

Nodoas de amarelo em roupas brancas—Quando a roupa branca nova amarelece em virtude de estar guardada muitos anos nas gavetas, basta ir á barrela para ficar branca. Quando a roupa branca já usada amarelece pelo mesmo motivo lava-se primeiro com água de sementes quente e, se fôr depois necessário engomar a mesma roupa, convém misturar com a goma um pouco de ácido esteárico, servindo para isto um bocado de uma véla de estearina.

A propriedade em Portugal

Segundo dados que vimos algures e foram recolhidos em 1914, pelo engenheiro agrônomo J. M. Freire de Andrade, a distribuição da propriedade em Portugal é a seguinte:

Numero de propriedades	Rendimento colectavel inferior
383.654	11\$00
108.346	11\$00 — 20\$00
231.008	21\$00 — 100\$00
66.511	101\$00 — 300\$00
15.623	301\$00 — 500\$00
12.037	501\$00 — 1.000\$00
12.453	1.001\$00 — 50.000\$00

O azeite na próxima colheita

Uma revista de Barcelona cita estes números, como prováveis, em toneladas, na próxima safra do azeite:

Espanha	250.000
Itália	135.000
Tunisia	55.000
Hungria	30.000
Lecia	85.000
Argelia	20.000
Portugal	17.000
França e outros países ...	25.000
Total.....	617.000

O nosso empreendimento

Damos novos nomes de indivíduos que nos honram com a assinatura da «Vida Alentejana».

Odemira—Ambrosio da Silva Bruno, António A. Correia de Melo, António Emidio Marreiros, António Portela da Silva, António Serrão do Vale Junior, Camara Municipal, César Miranda, D. Emilia Praro, Fortunato Santos Silva, dr. Fernando dos Santos Agudo, dr. João Serrão Cintra do Vale, José Emidio Marreiros, José Francisco dos Reis (Espargal), José Francisco de Sousa Prado, Francisco Emidio Marreiros.

Santa Clara a Velha—António José de Almeida, Manoel de Almeida Beatriz.

Saboa—Manoel Francisco Pereira e Anibal Pereira.

S. Teotonio—José Costódio Alves, Manoel Guerreiro Ventura e João Afonso de Campos.

Olhão—Dr. Fortunato Roma da Fonseca. Pias—Bernardino José da Costa Torres.

Ponte de Sôr—António de Bastos Moreira, António Lopes, Camara Municipal, Daniel da Silva, Gonçalo Joaquim, João Leal de Matos e Silva, João Rita Algarvio, Joaquim Galveias Mendes, José da Cruz Bucho, José Henriques, José Maria da Silva Mendonça, José Nogueira Vaz Monteiro, José Pires Filipe, Raúl Pais Freire de Andrade.

Setubal—Dr. Cipriano Mendes Dordio,

Francisco Carvalho Nunes Silva, João Rafael Martins João Santarem Junior, Julio de Oliveira Sousa e António Luiz Esteves.

Agua de Moura—Joaquim Pereira Gonçalves.

Montemor-o-Novo—Dr. Alfredo Praça Cunha, Francisco C. Carneiro e dr. Manoel Salvador Ricardo da Costa.

Reguengos de Monsaraz—António Miguel de Sousa, Guilherme Glão, Joaquim da Cunha Godinho, José Gomes Pascoal, José Lourenço Rosa, José Manoel Felix, dr. Manoel Fialho Crespo e Manoel Lopes Natario.

A Vida Alentejana em Arronches

As sementeiras—As chuvas que tanta falta estavam fazendo á agricultura, vieram dar início ás sementeiras motivo porque a faina agricola neste concelho está sendo grande.

O Sindicato Agrícola—É no próximo domingo que se reúnem na Câmara Municipal os lavradores e seareiros a fim de constituírem o seu respectivo Sindicato.

A Nova Comissão Administrativa—Tomou posse a nova Comissão Administrativa da Câmara Municipal que ficou assim constituída: Presidente José António Lopes; vogais, Francisco Romão Tenório e António Joaquim Manuel; Suplentes: Ataíde Delicado, Gaspar Maria Pereira e Manuel Joaquim Venâncio.

Segundo nos consta um dos primeiros trabalhos será dotar a vila com luz eléctrica.

Uma benemerita—Já foi feita a escritura da cedência gratuita, feita pela benemerita da instrução Senhora Dona Vitória Maria Canelo, do terreno para a edificação da Escola da Freguezia da Esperança, edificio que será feito por iniciativa particular e com participação do Estado.

Grupo Musical Arronchense—Desde a última feira efectuada em Arronches que lavra grande entusiasmo pela reorganização da filarmónica de Arronches. De facto era desprimor para a terra vir aqui filarmónicas do Alegrete e outras povoações quando Arronches tem elementos para brilhar no campo musical. Assim sob o patrocínio do srs. Francisco e Joaquim Romão Tenório, drs. Ferreira da Silva e Pinto Valente e sr. João Tavares Magro reconstituíu se a antiga banda que ficou sob a direcção do sr. Fernando Valadares Martins.

Parabéns á ordeira e trabalhadora vila de Arronches.

As estradas de Odemira

Escreve-nos o nosso bom amigo sr. César Miranda, Presidente da Camara Municipal de Odemira, comunicando nos, que entregou na repartição dos melhoramentos rurais foi o projecto do ramal que, partindo da Estrada n.º 103, em construção e na direcção de Cólos, ligue esta estrada com a Estação das Amoreiras.

Este projecto foi mandado executar pela Junta de Freguesia de Reliquias que com o auxilio do povo dessa freguesia, pagou o projecto e vai construir o ramal em participação com o Estado.

A freguesia de Cólos, igualmente está tratando do seu ramal que a liga á Estrada Nacional n.º 103 no sitio onde parte o ramal pedido pela de Reliquias.

Carlos Homem de Sá

ADVOGADO

Rua da Assunção, 40-2.º-D.

Telef. 27277

LISBOA



Cotação dos produtos agrícolas

Designação	Borba	Beja mercado 5 de Nov.	Redondo Feira de S. Francisco	Evora 13-XI	Portalegre Mercado	S. Tiago do Cacem Feira 4 de IX	Elvas
Aveia, 20 litros	7\$00	6\$50	7\$00	7\$00	8\$00	8\$00	7\$00
Centeio, 20 litros	10\$00	—	10\$00	k. 8\$00	14\$00	—	—
Cevada, » »	9\$00	7\$50	9\$00	9\$00	10\$00	10\$00	13\$50
Fava, 20 litros	16\$00	13\$00	18\$00	14\$00	17\$00	18\$00	13\$00
Grão de bico, 20 litros	24\$00	2\$250	25\$00	25\$00	28\$00	—	22\$00
Lã } branca, 15 kilos	150\$00	—	150\$00	140\$00	150\$00	—	130\$00
} preta, »	120\$00	—	110\$00	130\$00	120\$00	—	100\$00
Queijos } cabra, kilo	—	12\$00	9\$00	cent. 80\$00	80\$00	—	12\$00
} ovelha, kilo	12\$00	12\$00	9\$00	» 70\$00	14\$00	—	12\$00
Azeite, 10 litros	58\$00	(litro) 5\$50	56\$00	60\$00	60\$00	70\$00	60\$00
Cortiça, 15 quilos	10\$50	—	16\$00	9\$00	—	—	—
Vinho } branco, 500 litros	400\$00	500\$00	400\$00	375\$00	450\$00	—	—
} tinto, »	400\$00	500\$00	250\$00	375\$00	450\$00	—	—
Carvão, 15 quilos	4\$00	—	3\$75	5\$50	6\$00	—	5\$00

Cotação de gados

Designação	Borba	Beja Mercado 6-X	Redondo Feira de S. Francisco	Evora Feira Nova 15-X	Estremoz Outubro	Castro Verde Feira 20 de Outubro	Elvas
Cavalo de sela	3.000\$00	3.000\$00	2.500\$00	2.000\$00	3.000\$00	3.000\$00	2.500\$00
Pareilha de cavalos	6.000\$00	5.000\$00	4.000\$00	4.000\$00	5.000\$00	6.000\$00	5.000\$00
Jumento	800\$00	500\$00	500\$00	400\$00	250\$00	300\$00	300\$00
Pareilha de muaras	10.000\$00	8.000\$00	8.000\$00	8.000\$00	10.000\$00	10.000\$00	8.000\$00
Junta de bois	4.000\$00	4.000\$00	4.500\$00	4.000\$00	4.000\$00	5.000\$00	5.000\$00
} vacas	3.000\$00	3.000\$00	3.000\$00	2.800\$00	3.000\$00	4.000\$00	3.000\$00
Vaca leiteira	2.500\$00	2.000\$00	2.500\$00	2.000\$00	1.500\$00	3.000\$00	1.500\$00
Novilhos	2.000\$00	700\$00	—	5.500\$00	1.200\$00	2.000\$00	2.000\$00
Vitela de 6 mezes	800\$00	400\$00	—	400\$00	400\$00	100\$00	600\$00
Carneiros	100\$00	100\$00	100\$00	90\$00	100\$00	80\$00	90\$00
Ovelhas	120\$00	100\$00	90\$00	100\$00	100\$00	—	70\$00
Borregos	—	20\$00	—	50\$00	—	70\$00	30\$00
Cabra leiteira	200\$00	110\$00	100\$00	100\$00	150\$00	—	120\$00
Cabrito	—	20\$00	25\$00	25\$00	50\$00	—	30\$00
Porco, em vivo	(Arroba) 90\$00	(Arroba) 80\$00	arr. 100\$00	250\$00	50\$00	(Arroba) 90\$00	(1 ano) 250\$00
Bacoros	50\$00	50\$00	—	30\$00	80\$00	(10 m) 140\$00	(2 ano) 140\$00
Leitão de mês	10\$00	12\$00	—	15\$00	—	20\$00	15\$00

Salários médios

Concelhos	Designação de trabalhos	SALÁRIOS				Observações
		Homens		Mulheres		
		A sêco	C/comida	A sêco	C/comida	
Evora	Trabalhos da época	8\$00	3\$50	3\$00	2\$50	
Portalegre	Trabalhos da época	—	5\$00	3\$50	3\$50	
Borba	Vindima	7\$00	—	3\$00	—	
S. Tiago do Cacem	Lavoura	8\$00	4\$00	—	—	
Beja	Sementeiras	7\$00	5\$00	—	—	
Elvas	Sementeiras	8\$00	3\$00	4\$00	2\$00	

Carnes verdes e fumadas

Designação	Preços por quilograma						
	Borba	Beja	Redondo	Evora	Portalegre	S. Tiago do Cacem	Elvas
Cabra	5\$00	4\$00	—	—	5\$00	—	—
Cabrito	—	4\$00	—	—	5\$00	3\$00	—
Carneiro	6\$00	5\$00	—	6\$00	5\$00	4\$00	6\$00
Porco } com osso	—	10\$00	6\$00	9\$00	8\$00	6\$00	6\$00
} sem osso	—	12\$00	12\$00	14\$00	12\$00	8\$00	12\$00
Vaca } com osso	—	5\$20	—	6\$50	4\$40	—	4\$00
} sem osso	—	10\$20	—	12\$00	8\$80	—	8\$00
Chouriço	15\$00	16\$00	18\$00	16\$00	12\$00	12\$00	14\$00
Farinheira	6\$00	—	—	8\$00	7\$00	—	10\$00
Morceia	10\$00	—	14\$00	10\$40	7\$00	16\$00	10\$00
Paio	18\$00	18\$00	20\$00	—	16\$00	—	16\$00
Presunto	—	15\$00	—	—	18\$00	—	18\$00
Toucinho	6\$00	7\$00	10\$00	7\$20	6\$20	8\$00	9\$00
Banha de porco	6\$00	8\$00	8\$00	8\$00	7\$00	8\$00	9\$00

João Manuel Palma

SERPA

Produtor e fabricante de azeites, pelos processos mais modernos

Telefone N. 5274

J. J. d'Almeida

Cereais, Azeites e Farinhas

Rua de S. Bento, 297—Lisboa

Herdade Vale de Paredes

FRONTEIRA

Exploração Agrícola e Pecuária

Trigos, cevadas e toda a especie de cereais

LÃS E LATICÍNIOS

CLINICA MEDICA E DENTARIA

C. do Carmo, 25, s/I-D.

Telefone 2 7146 — LISBOA

Doenças da boca e dentes — Cirurgia da especialidade — Clínica média.

Dentes artificiais colocados pelos modernos processos da técnica dentária, garantidos pelo consultório, quanto á perfeição de execução, boa adaptação á boca e aptos para a mastigação.

BLANCO FIALHO

Creadores de bovinos e seleccionada raça alentejana

Reprodutores para venda cuidadosamente escolhidos

Porcos gordos, gado lanigero, caprino, cavalar e mular

PRODUTORES DE CORTIÇA E CEREAIS

Exploração Agrícola e Pecuária — BARRANCOS

PATRICIOS

Inscreevi-vos na

«LUTUOSA NACIONAL»

(ASSOCIAÇÃO SOCORRO MUTUO)

Subsidios de 5, 10, 15 e vinte mil escudos

A mais sólida garantia de sobrevivência

Peça hoje a sua inscrição

Entrada dos 18 aos 45 anos

Rua Victor Gordon, 31, 2.º

LISBOA

JOSÉ JULIO BRITO PAIS FALCÃO

HERDADE DO MONTE VELHO

Exploração Agrícola e Pecuária

Colos — ALENTEJO

Dr. Rosado Baptista

VACINA FIEDMANN, para cura da tuberculose, das 11 ás 16. Classes pobres. preço de Policlínica, ás segundas e quintas, Av. Almirante Reis, 31, 1.º — Tel. N. 4363

Joaquim da Silva Brito Pais

Herdades do Monte Negro, Reguengo, Silveira, Rata e Amejoafra

Exploração Agrícola e Pecuária

ESPECIALIDADE EM QUEIJS E MEL

Monte Negro — VALE DO SADO

SULFÚRIA

ESTABELECIMENTO BALNEAR

Cabeço de Vide

Estancia de aguas minero-medicinais (sulfo-alcalinas) de poderosa acção curativa nas dermatoses, reumatismo, calculos dos rins e bexiga, entercolites muco-membranasas.

Epoca balnear de 1 de Junho a 31 de setembro

Director clinico:

Dr. Alexandrino Lopes Russo

A Junta de Freguezia de Cabeço de Vide, concessionária destas aguas fornece todas as indicações.

C. J. SOARES

CIRURGIÃO DENTISTA

R. Alexandre Herculano, 108, 1.º-E.

Telefone 4 2890

Desconto de 20 % sobre a tabela aos socios do Grémio Alentejano a suas familias

